

**A *KOINONÍA*: UMA COMPREENSÃO EPICÚREA DAS RELAÇÕES HUMANAS DE ACORDO COM O VIVER EM COMUM**

[*THE KOINONÍA*: AN EPICUREAN UNDERSTANDING OF HUMAN RELATIONS ACCORDING TO COMMON LIFE]

**José Eudo Bezerra**

[eudobezerra@uern.br](mailto:eudobezerra@uern.br)

<https://orcid.org/0009-0005-7347-7373>

*Graduação em Filosofia (Licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002), graduação em Filosofia (Bacharelado) pela Faculdade Eclesiástica João Paulo II (1987), Especialização e mestrado e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).*

**DOI: [10.25244/tf.v15i2.5016](https://doi.org/10.25244/tf.v15i2.5016)**

Recebido em: 06 de maio de 2023. Aprovado em: 18 de julho de 2023

Caicó, ano 15, n. 2, 2022, p. 89-103  
ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/tf.v15i2.5016](https://doi.org/10.25244/tf.v15i2.5016)  
Dossiê Epicurismo antigo e sua recepção



**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**  
BEZERRA, José Eudo

**Resumo:** Este trabalho tem como propósito apresentar uma compreensão acerca das relações humanas nas comunidades epicuristas. A discussão acerca do modo como viviam os filósofos segundo a ética de Epicuro é uma questão complexa e pouco trabalhada. Uma análise mais detalhada traz à tona propostas para um agir humano livre dos ditames das instituições dominantes, políticas ou religiosas, proporcionando ao indivíduo o exercício da liberdade a partir de uma prática de vida filosófica.

**Palavras-chave:** *autárkeia. eleuthería. philía. koinonía. philoí.* Epicuro.

**Abstract:** This work aims to present an understanding of human relations in Epicurean communities. The discussion about the way in which philosophers lived according to Epicurus' ethics is a complex and little approached issue. A more detailed analysis brings up proposals for a human act free from the dictates of dominant, political or religious institutions, providing the individual with the exercise of freedom as from a philosophical life practice.

**Keywords:** *autárkeia. eleuthería. philía. koinonía. philoí.* Epicurus.

## INTRODUÇÃO

Nascido em 341 a.C., em Atenas ou em Samos, Epicuro teria acompanhado, dos catorze aos dezoito anos, os ensinamentos do acadêmico Pânfilo. E, através de Nausífanos de Teo, discípulo de Demócrito (460 - 370 a.C.), teria conhecido as doutrinas desse grande atomista. Durante algum tempo ganhou a vida como professor de gramática. Em seguida, ensinou filosofia, primeiro em Lâmpsaco, depois em Mitilene e Cólofon. Finalmente, regressou a Atenas, por volta de 306 a.C., onde adquiriu uma pequena casa editorial e um horto onde abriu uma escola de filosofia, que ficou conhecida como o Jardim de Epicuro.

O pensamento de Epicuro abrange duas áreas distintas do conhecimento, a saber, uma *physiología*, com a qual procura explicar quais são as leis que regem a natureza, isto é, obter uma compreensão dos aspectos que constituem a realidade; e uma ética, voltada para a prática que possibilite ao homem alcançar uma vida feliz. Sua doutrina traz no cerne de sua abordagem filosófica noções que procuram, através do uso da razão, a compreensão da natureza (*phýsis*)<sup>1</sup>. Para que o indivíduo tenha uma compreensão da realidade, Epicuro sugere uma forma de viver que implica estar em conformidade com a natureza. Assim, o contexto histórico de Epicuro o impulsionou a estabelecer um projeto de vida baseado na realidade do próprio indivíduo. Este deveria ter como propósito, o que é natural em todos os homens, a felicidade. A sociedade de sua época estava perturbada pelas guerras constantes e arraigada em falsas promessas e superstições. A proposta de Epicuro aos seus contemporâneos era a de propor uma comunidade alternativa, pequena, baseada na amizade, completamente distinta das cidades existentes.

Assim sendo, Epicuro pensa um modelo de conduta sábio, que se opõe a do senso comum, baseado em opiniões vazias, divulgadas para a multidão insensata. Ele elabora um olhar crítico ao modo decadente como era conduzida a política em Atenas, do final do séc. IV e início do séc. III a. C. Ele está anunciando um novo modelo de relações humanas baseado em pequenas comunidades. Nessa perspectiva epicurista, a vida feliz almejada pelo indivíduo é edificada num determinado lugar comum, isto é, numa comunidade onde se possa compartilhar afecções, relações sociais criadas e mantidas por afinidade. Assim, é notório a exigência da *koinonía*<sup>2</sup> para a consolidação das relações humanas, que irão proporcionar aos indivíduos a prática da amizade, da liberdade e da autarcia.

Em razão disso, Epicuro sugeria aos seus amigos/discípulos que evitassem se envolver em questões políticas propostas pelos governantes conforme a *Máxima Principal XIV*: “a fonte mais pura de proteção diante dos homens, assegurada até certo ponto por uma determinada força de rejeição, é de fato a imunidade resultante de uma vida tranquila e distante da multidão” (DL, op. cit., X, 143, *Máximas Principais XIV*, 2008, p. 317).

O afastar-se da cidade tem como consequência imediata perguntar: onde viver? É patente que, ao continuar vivendo entre indivíduos insensatos, não haveria espaço para a prática da amizade (*philia*), consequentemente surgia a necessidade da busca por uma comunidade (*koinonía*), pequena, molecular,

<sup>1</sup> O termo *phýsis* corresponde ao processo de geração das coisas existentes na realidade.

<sup>2</sup> Termo grego a partir do qual podemos identificar o conceito de relações humanas nas obras de Epicuro. Refere-se a *koinonía*, que se traduz no português como “comunidade, vida em comum” (SILVA, 2018, p. 142) e no francês como “lieu commun” (CHANTRAINE, 1999, p. 552).

**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**

BEZERRA, José Eudo

cultivada, baseada na confiança (*πίστις*), na qual poderia prevalecer a segurança (*ασφάλεια*) de uma vida simples, frugal, mas justa (*δίκαιος*), conforme afirma Epicuro nas *Máximas Principais*:

Não é possível uma vida agradável se não se vive com sabedoria, moderação e justiça, nem é possível uma vida sábia, moderada e justa se não se vive agradavelmente. Se faltar uma dessas condições (quando, por exemplo, o homem não é capaz de viver sabiamente), embora ele viva moderada e justamente, é-lhe impossível viver agradavelmente (DL, op. cit., X, 148, *Máximas Principais V*, 2008, p. 316).

Nesse sentido, Epicuro aponta uma ética na qual o *sophós* torna-se o modelo do homem feliz, consequência de sua vida ser baseada não somente pelo distanciamento das grandes cidades, mas essencialmente produzida pela prática da amizade com seus semelhantes conforme atestam as *Máximas Principais*:

De todos os bens que a sabedoria proporciona para produzir a felicidade por toda a vida, o maior, sem comparação, é a conquista da amizade (DL, op. cit., X, 148, *Máximas Principais XXVII*, 2008, p. 319).

Desse modo, o *sophós* se distancia dos problemas oriundos das relações estabelecidas dentro do corpo político. Segundo Silva (2010), a ética epicúrea se caracteriza, sobretudo, pela não reatividade, isto é, por uma conduta na qual a ação baseada sobre a compreensão da natureza seja superior a uma conduta reativa, ruim para o indivíduo que perde o controle de si mesmo e está impossibilitado de viver segundo aquilo que é natural e necessário. O distanciamento do *sophós* da insensatez, das regras e dos valores cultivados em uma sociedade é, para Epicuro, o caminho para exercitar um estilo de vida autárquico conforme ele afirma na *Sentença Vaticana* 44: “O sábio, depois de julgar as coisas em função da necessidade, sabe mais dar em partilha, do que tomar em partilha. Tão grande tesouro da autarquia ele encontrou” (SILVA, op. cit *Sentenças Vaticanas*, 44, 2021, p. 113).

No passo 130 da *Carta a Meneceu*, podemos constatar uma especificidade da ética epicúrea. O indivíduo alcança o estado de autodomínio (*autárkeia*) a partir de um agir individual, sendo essa proposta promulgada a todo cidadão para a realização de si mesmo e não ancorada nos direcionamentos impostos pelos governantes, pelas forças políticas, geradoras do poder e do temor.

Ademais, as *Cartas* atestam que Epicuro elabora uma investigação sobre o modo de viver dos homens, de suas ações, de seus hábitos; identicamente, de maneira específica, outros textos apontam que as relações humanas são tematizadas com o escopo de encontrar na autarcia, (*autárkeia*) a base para a liberdade (*eleuthería*) e para a amizade (*phília*). O cidadão deve adquirir liberdade para ter poder de escolha e rejeição. Desse modo, Epicuro relaciona, diretamente, a *eleuthería* à *autárkeia*, dizendo: “O fruto maior de bastar-se a si mesmo é a liberdade” (SILVA, op. cit *Sentenças Vaticanas*, 77, 2021, p.179). A esse respeito, (J. Bollack,1975) explica que essa liberdade, fruto da autarcia, se trata do agir na

**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**

BEZERRA, José Eudo

dependência de seu próprio eu, do agir positivamente, ou seja, trata-se da ação regida pelo seu próprio autor, que tem seu princípio nele mesmo, ou ainda, que tem a causa de sua ação em si mesmo.

Assim sendo, é pertinente que se compreenda o que significa para Epicuro a *autárkeia*, atentando-se para a possibilidade de investigar o conceito de liberdade (*eleuthería*) enquanto característica do homem que estuda a natureza para a escolha e/ou recusa do que lhe apraz ou não. Nesse sentido, a *autárkeia*, segundo Epicuro, determina a ação do *sophós*. Este expressa nas suas ações e atitudes, modos de vida no mundo, inclinados ao equilíbrio. Essas ações determinam a independência do homem diante das afecções que podem ser permitidas ou evitadas.

Destarte, “o sábio se afastará das situações, lugares e pessoas que possam constrangê-lo a reagir às 'convenções' de uma maioria insensata” (SILVA, 2003, p.88). A ele, se juntariam todos os que lhe fossem semelhantes, isto é, aqueles que, como ele, buscavam um mesmo fim, o qual não era de cunho religioso, social, ou mesmo político, mas remetia a uma vida filosófica. “A cidade não é nem modelo nem extensão do grupo de amigos” (DUVERNOY, 1993, p. 118), pois, para Epicuro, a amizade (*phília*) não se limitava a uma estratégia de boa convivência, mas representava uma força educadora dos desejos ou sentimentos, das malevolências da vida em comum e, também, da prudência, do naturalmente admitido por todos como belo ou valioso e da justiça. Tratava-se, portanto, de uma amizade filosófica caracterizada, principalmente, no fomento ao cuidado com o outro e a partilha entre amigos:

Nem aquele que busca continuamente seu interesse é um verdadeiro amigo, nem aquele que jamais associa o interesse à amizade, pois um trafica favores para obter benefícios e o outro priva o pensamento de toda boa esperança no futuro (SILVA, op. cit *Sentenças Vaticanas*, 39, 2021, p. 103).

Dessa forma, depreende-se que a concepção de amizade em Epicuro parte do desejo que o indivíduo tem de relacionar-se com os seus semelhantes. Um desejo natural que leva alguém a relacionar-se com quem tenha afinidade. Para ele, essa busca se efetiva no cumprimento de uma conveniência mútua, a *ophéleia*, quando o indivíduo manifesta “o interesse que cada um de nós experimenta de entrar em amizade” (DUVERNOY, 1990, p. 125). Assim é possível compreender um grupo de amigos a partir da conveniência que cada um vê na prática da amizade, conforme afirma Epicuro nas *Sentenças Vaticanas* : “toda amizade por ela mesma é excelência(*di heautén haíretê*); ela teve início na utilidade (*tés opheléias*)” (SILVA, op. cit *Sentenças Vaticanas*, 23, 2021, p.71 ).

Epicuro optou por se distanciar do tumulto da vida pública, ele decidiu viver autarquicamente e, para isso, escolheu habitar no Jardim, que estava longe da agitação da política e bem próximo da tranquilidade que a vida no campo poderia lhe proporcionar. Ele vislumbrava “a possibilidade de substituir as normas gerais de uma sociedade pelo princípio da *phília*, que tem origem e comando em cada um” (SILVA, 2003, p.93). Entretanto, não almejava instituir um modelo social e histórico que viesse a substituir aquele que estava em vigor, mas de fixar uma ordem, um agregado de sábios, uma comunidade autárquica, na qual se estabelecessem relações de conveniência mútua (*ophéleia*), nutridas por um desejo e incitadas por uma afinidade (*phíliai*).

**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**  
BEZERRA, José Eudo

É importante salientar que o contexto cultural no qual viveu Epicuro serviu de pano de fundo tanto no que concerne aos valores éticos e morais provenientes das relações humanas quanto às inter-relações entre os cidadãos políades, uma vez que esses valores e conceitos éticos foram ressignificados pelo *Képos* (Jardim) e ampliados pela filosofia epicúrea. Ademais, essa ressignificação dos conceitos éticos foi de grande valia para assegurar o agir epicurista nas comunidades de amigos (*philoí*).

## 1 O CONCEITO EPICURISTA DE *KOINONÍA*

A problemática em torno do conceito de *koinonía* (comunidade) no pensamento de Epicuro mostrou-se possível graças aos testemunhos doxográficos e às considerações acerca do estudo da natureza (*physiología*) e da fundamentação do justo baseada na compreensão da natureza (*phýsis*) encontradas nas suas *Cartas, Máximas e Sentenças*. A reflexão ética apresentada por Epicuro aos seus contemporâneos partiu da sua experiência de convívio com os seus amigos. Essas relações puderam se efetivar entre pequenos grupos, formados tanto por afinidade quanto por convivência mútua em uma determinada comunidade (*koinonía*).

Nesse sentido, explicitaremos o conceito de *koinonía* (comunidade) enquanto realidade molecular (*micròs-kósmos*)<sup>3</sup>; lugar de agregação de grupos sociais e, conseqüentemente, de relações humanas; lugar determinante para a constituição de opiniões bem fundadas, de escolhas que possam proporcionar o bem viver da comunidade. Contudo, conforme Epicuro, há uma necessidade de que isso ocorra efetivamente quando o pensar e o agir humano estiverem em conformidade com a natureza (*tà katá phýsin*). Esse entendimento é ressaltado por ele nas *Máximas Principais* ao afirmar: “Se em cada ocasião em vez de submeter tuas ações ao objetivo da natureza preferires voltar-te para qualquer outro padrão de referência mais próximo quanto estiveres fazendo uma escolha ou rejeição, tuas ações não se coadunarão com teus princípios” (DL, op. cit., X, 148, *Máximas Principais XXV*, 2008, p. 317).

Assim sendo, podemos ressaltar que Epicuro elaborou uma análise referente ao modelo de sociabilidade centrado numa compreensão ético-antropológica sobre a agregação das primeiras comunidades de humanos organizadas por relações recíprocas, isto é, por conveniência mútua e em conformidade com a natureza (*tà katá phýsin*). Nesse sentido, Epicuro sugere nas suas *Máximas e Sentenças* de forma análoga uma genealogia dos agregados sociais baseada na relação da convivência mútua e do comum acordo corporizados no interior das comunidades. Destarte, na *Máxima XXXVI*, Epicuro se utiliza do termo *allélon*, o qual expressa uma conotação jurídica de algo acordado entre indivíduos humanos em suas relações de mútua convivência, conforme afirma DUVERNOY (1993, p. 122), “qualquer que seja a matéria desse acordo (qualquer), a existência humano-social é jurídica. Esse jurídico desempenha o mesmo papel que a composição na realidade físico-fenomenal”. De maneira análoga, o uso do termo *allélon* fundamenta a formação de grupos humanos por acordos, como ocorre nas relações entre os corpos simples, a saber, gerando fenômenos.

<sup>3</sup> Bailly apresenta uma compreensão do termo *μῦχος* enquanto uma realidade constituída por um grupo de indivíduos. Ver BAILLY, A. *Dictionnaire Grec Français*. Paris: Hachette, 1950. p. 1125.

**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**  
BEZERRA, José Eudo

Desse modo, podemos assegurar a relevância do conceito de *koinonía* (comunidade) para a reflexão da ética epicúrea no que se refere à efetivação das relações humanas, fundadas na prática da amizade (*philia*), da liberdade (*eleuthería*) e da autossuficiência (*autárkeia*). É na comunidade que acontece o compartilhamento de afecções e relações sociais por afinidade.

Além disso, Epicuro sugere àqueles que desejam uma vida feliz, agradável e sábia a prática das formas de excelência (*areté*): a sabedoria (*phrónesis*), a honradez (*kalós*)<sup>4</sup> e a justiça (*díkaios*). Por conseguinte, faz-se necessário viver em um determinado lugar comum, em uma pequena comunidade, ou mesmo pertencer a um determinado grupo para assegurar as relações humanas e, como consequência, a efetivação das ações, do exercício prático e das inter-relações entre as respectivas excelências, conforme o passo 132 da *Carta a Meneceu*.

[...] O princípio de tudo isso e o maior bem é a sabedoria; conseqüentemente a possessão mais preciosa da própria filosofia é a sabedoria, origem natural de todas as outras formas de excelência restantes; com efeito, ela ensina que não se pode levar uma vida agradável se não se vive com sabedoria, moderação e justiça, nem se pode levar uma vida sábia, moderada e justa se não se vive agradavelmente. As formas de excelência são concomitantes com a vida agradável, e a vida agradável é inseparável delas (DL, op. cit., X, 32, 2008, p. 313).

## **2 A COMUNIDADE DE AMIGOS (*koinonía philoi*)**

A trajetória trilhada por Epicuro nas cidades gregas de Samos, Cólofon, Mitilene, Lâmpsaco e Atenas, foram imprescindíveis para ele constituir seus grupos de amigos-filósofos, seus seguidores e os admiradores da sua filosofia. Além disso, possibilitou a Epicuro vislumbrar a necessidade de criar uma comunidade (*koinonía*) que oportunizasse aos seus integrantes a prática da amizade (*philia*), uma vez que, para ele, esta seria responsável pela garantia da confiança (*pístis*) e da segurança (*aspháleia*) nas relações entre indivíduos de grupos humanos. Em razão disso, Epicuro adquiriu um terreno ao redor de Atenas e construiu o Jardim<sup>5</sup> (*Képos*). Conseqüentemente, inaugurou sua escola, da qual participavam homens livres, escravos, mulheres e crianças, tendo em vista que para frequentar o Jardim não havia aceção de classes sociais, de religião e de cultura, diferentemente das exigências impostas tanto pela Academia quanto pelo Liceu. Segundo Diógenes Laércio, após a construção do Jardim, Epicuro permaneceu em Atenas, exceto por duas ou três vezes, quando saiu com a finalidade de visitar alguns de seus amigos.

<sup>4</sup> de la beauté morale, beleza moral, honradez, franqueza. BAILLY, A, *Dictionnaire Grec Français*, Paris, Hachette, 1950, p. 1125.

<sup>5</sup> Conforme Diógenes Laércio, Apolodoros afirma que Dioclés relata a compra do Jardim por Epicuro por oitenta minas e a convivência entre os frequentadores era modesta e simples (DL, X, 11, p. 285).

**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**  
BEZERRA, José Eudo

É notória a sua proposta de viver afastado da cidade, uma vez que seria impossível o exercício da *autárkeia* junto à multidão insensata. Desse modo, de acordo com Epicuro, é na comunidade (*koinonía*) que as relações humanas efetivam a amizade (*phília*), a liberdade (*eleuthería*) e a autarcia (*autárkeia*). Epicuro anunciou uma nova proposta de vida, em pequenas comunidades, diferentemente da praticada na *pólis*, onde os valores éticos dos cidadãos estariam ligados à prática política, isto é, implicaria o cidadão viver conforme as leis instituídas pela *pólis*. Com base nesse novo modelo de convivência dos amigos, Epicuro instituiu uma nova forma de agir baseado na realidade que ele escolheu para viver, a saber, afastado das grandes multidões (*lathé biósas ou exchóresis*).

Segundo Diógenes Laércio, Epicuro criou comunidades de amigos, antes de propriamente fundar o *Képos*. As primeiras comunidades seriam as de Mitilene<sup>6</sup> e Lâmpsaco<sup>7</sup>, conforme encontrado no passo 7 do *Livro X*, no qual Timocrates, após desertar-se da escola epicurista, tece, numa obra intitulada *Delícias*, comentários pejorativos a Epicuro e, em um determinado trecho, afirma ter enviado uma carta a Leôntion e aos filósofos de Mitilene, o que sugere que Timocrates participava como integrante da comunidade epicurista, bem como frequentava o grupo de amigos-filósofos em Mitilene.

De acordo com Spinelli (2012), diferentemente da Academia, do Liceu e de outras escolas filosóficas antigas, que exigiam um processo seletivo para serem membros e frequentarem as devidas escolas filosóficas, para ser integrante do Jardim nenhuma condição era estabelecida, posto que não havia distinção de cultura, classe social, sexo, nacionalidade, sendo comum a presença de mulheres, escravos e estrangeiros em mútua convivência. Essa maneira peculiar de Epicuro acolher seus seguidores e discípulos no Jardim sugere o crescimento da filosofia epicurista; além disso, ele manifestava um cuidado com o outro enquanto indivíduo.

Ademais, Epicuro manifestava um grande zelo pela sua comunidade de amigos (*philoí*), e por conseguinte havia uma preocupação no que diz respeito à comunicação com seus seguidores e discípulos, visto que Epicuro raramente se ausentava do Jardim (*Képos*), porém precisava manter contato com seus discípulos, fortalecer a relação de amizade entre os membros da comunidade e assistir o grupo de amigos quanto às questões doutrinárias. Nesse sentido, Epicuro expressava um sentimento de cuidado com a comunidade, de tal modo que elaborou uma forma literária epistolar como uma ferramenta de comunicação com as comunidades de amigos. Outra demonstração de suas vontades e cuidados para com a comunidade está no relato de Diógenes Laércio, *Livro X*, passo 16, no qual Epicuro expõe seu testamento ratificando sua dedicação e empenho à comunidade de amigos (*philoí*):

[...] Seu testamento é o seguinte: “Desto maneira lego todos os meus bens a Aminômacos, filho de Filocrates, do demo Bate, e a Timocrates, filho de Demétrios, do demo Pôtamos, de conformidade com a doação feita a cada um deles, cujos termos estão transcritos no Metrôon (DL, op. cit., X, 16, 2008, p. 286).

<sup>6</sup> Localizada na Ilha de Lesbos, situada na costa asiática, ao norte de Samos.

<sup>7</sup> Situada entre o Mediterrâneo e o Mar Negro.

**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**  
BEZERRA, José Eudo

Esse modo de viver no Jardim configurou uma comunidade na qual os *philoí* eram comprometidos uns com os outros, sobretudo, ao possibilitar o bem-estar e uma vida feliz a todos os membros da comunidade do Jardim (*Képos*). Dessarte, a amizade epicurista institui um tipo de relação humana baseada na convivência mútua, na dedicação de uns para com outros. A comunidade dos *philoí* oferecia aos seus integrantes uma formação filosófica com o propósito de inferir modos de conduta com os quais auxiliavam a fazer escolhas que evitassem desejos vãos e opiniões vazias. Em razão disso, Epicuro preconizava aos seus seguidores de outras cidades e aos frequentadores do Jardim que os seus aconselhamentos filosóficos acerca dos modos de conduta fossem meditados, seja consigo mesmo, seja com companheiros afins, para que no futuro evitassem perturbações.

Portanto, Epicuro estabelece o *Képos* como o lugar propício às relações amistosas, porém, ele adverte que é necessário um esforço contínuo da prática da amizade, uma vez que, a sua manutenção implica o cuidado com os outros e consigo mesmo. Em razão disso, é estabelecido um estilo de vida, um modo de viver em comum que semeia a ajuda mútua (*ophéleia*), porém com franqueza (*parrhesía*), já que nas relações verdadeiramente amistosas deve haver tais exigências (*dokimasteon*).

### 3 OS CONCEITOS BASILARES DA ÉTICA EPICURISTA

O *Corpus* epicúreo atesta que Epicuro elaborou uma investigação sobre o modo de viver dos homens, as suas ações e os seus hábitos. Identicamente, de maneira específica, outros textos apontam que as relações humanas são tematizadas com o escopo de encontrar na autarcia (*autárkeia*) a base para a liberdade (*eleuthería*) e para a amizade (*philia*). Dessarte, Epicuro funda o Jardim (*Képos*), no qual estabelece um modo de viver baseado na prática da amizade e no exercício (*áskeis*) dos prazeres (*hedonai*), da sabedoria prática (*phrónesis*) e da justiça (*dikaíosyne*). Desse modo, é notória a relevância que Epicuro dá ao tema amizade no seu pensamento filosófico, atestando esse interesse através dos aforismas presentes nas *Máximas* e nas *Sentenças Vaticanas*. A *Máxima XXVIII* sinaliza a importância da amizade nos momentos adversos que experienciamos na vida. Para Epicuro, ela fornece apoio e segurança entre os integrantes, seja de um grupo de amigos, seja de uma comunidade privada, molecular:

A mesma convicção que nos inspirou a confiança de que nada existe de terrível que dure para sempre ou mesmo por muito tempo, também nos habilita a ver que nos limites mesmos da vida nada aumenta tanato a nossa segurança como a amizade (DL, op. cit., X, 148, *Máximas Principais XXVIII*, 2008, p. 319).

A confiança assegurada pela amizade epicurista possibilitava à comunidade dos *philoí* compartilhar momentos de prazer, de reflexão e de estudo sobre os princípios da ética epicúrea. Esse

**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**  
BEZERRA, José Eudo

modo de viver no Jardim (*Képos*) configurou uma comunidade na qual os *philoí* eram comprometidos uns com os outros, sobretudo, ao possibilitar o bem-estar e uma vida feliz a todos os membros da comunidade do Jardim (*Képos*). Nesse sentido, Epicuro estabelece o Jardim (*Képos*) como o lugar de experimentar e demonstrar a capacidade de efetivar relações de amizade entre os frequentadores, a saber, mulheres, escravos e jovens de todas as classes sociais. Para ele, a amizade pode assegurar confiança e tranquilidade, sentimentos essenciais para estimular o grupo de amigos (*philoí*) a conhecer e investigar a realidade na qual vive. Em outras palavras, para Epicuro, a amizade estimulava, aos frequentadores do Jardim (*Képos*), a obtenção da educação filosófica, uma vez que ele buscava ensinar os princípios do conhecimento, da física, da ética.

Posto isto, podemos sugerir as seguintes considerações no que se refere à amizade epicurista: primeiramente, devemos considerar que para Epicuro a efetivação da amizade (*philia*) implicava a existência de uma comunidade de humanos (*koinonía antropos*) na qual as relações amigáveis seriam baseadas por afinidade e pela convivência mútua, concretizando a comunidade de amigos; oportunamente, assentado nessa concepção, Epicuro constituiu o Jardim (*Képos*), espaço estabelecido para agregar todos aqueles que desejassem viver agradavelmente e feliz; além disso, Epicuro tinha um propósito de implementar uma educação filosófica ao seu grupo de amigos (*philoí*) e aos frequentadores, uma vez que, para frequentar o Jardim (*Képos*), não havia aceção de pessoas, de gênero, de hierarquia social. Todos eram convidados a refletir sobre os princípios fundamentais de sua ética, os quais eram essenciais para o alcance da verdadeira felicidade baseada na amizade, isto é, possibilidade de viver agradavelmente, feliz e com liberdade.

Segundo Epicuro, o homem que age sabiamente é livre. Essa liberdade está fundada no agir por si mesmo. Nessa perspectiva, o sábio, (*sophós*) expressa, nas suas ações e atitudes, modos de vida no mundo, inclinados ao equilíbrio. Essas ações determinam a independência do homem diante de afecções que podem ser permitidas ou evitadas. Ademais, o sábio epicurista sempre buscará realizar os desejos naturais e necessários. Esses desejos apresentam, por natureza, um preciso limite, livrando o indivíduo do sofrimento e da dor. Além disso, esse modo de agir proporciona um real prazer, trazendo-lhe serenidade, uma realização plena de vida. Assim, a proposta da ética epicúrea é a de que qualquer homem pode alcançar esse estado de liberdade (*eleuthería*) a partir de um agir individual, sendo essa proposta promulgada a todo indivíduo para a realização de si mesmo, não estando ancorada nas propostas dos governantes e das forças políticas, geradoras do poder e do temor. O indivíduo deve adquirir liberdade (*eleuthería*) para ter poder de escolha e rejeição.

Desse modo, podemos sugerir que a ética epicurista reserva uma consideração pontual sobre a questão da liberdade humana, o que implica saber como deve ser compreendida a ação humana tanto em conformidade com a natureza (*phýsis*), na qual seus constituintes são átomos e vazios, quanto de acordo com a natureza humana, na qual seus constituintes são as ações, escolhas, decisões. Assim sendo, o pensamento de Epicuro apresenta propostas para um agir humano livre dos ditames das instituições dominantes, políticas ou religiosas, proporcionando ao indivíduo exercer sua liberdade a partir de uma reflexão que tem como ponto de referência a própria realidade na qual ele vive, ou seja, perceber que essa realidade não é predestinada.

Nessa perspectiva, o propósito da ética epicurista é de resultar indivíduos felizes e sábios por meio de instrumentos cognitivos e morais, tornando-os virtuosos e capacitados para evitar, a partir de ações deliberadas, desejos e prazeres que os tornem vulneráveis às frustrações, às aflições e às perturbações da alma, evitando que sejam infelizes. Isso posto, Epicuro propõe que devemos aprender

**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**  
BEZERRA, José Eudo

a viver bem, concebendo que a morte não é nada para nós, de modo que, a partir dessa compreensão, aprenderemos a morrer bem, isto é, sem sofrimento e dor. Ademais, para Epicuro, esse modo de agir reduz ao mínimo as dependências em relação a alguns tipos de desejos (*epithymía*), impondo limites e, conseqüentemente, escolhendo somente aqueles que são naturais e necessários, conforme parágrafo 127 da *Carta a Menecem*.

Devemos também ter em mente que alguns dos desejos são naturais, e outros são infundados. Dos naturais alguns são necessários, e outros são apenas naturais; dos necessários alguns são necessários à felicidade, outros à tranquilidade sem perturbações do corpo, e outros à própria vida (DL, op. cit., X, 127, 2008, p. 312).

Dessarte, Epicuro insiste na importância de satisfazer os desejos (*epithymía*) naturais e necessários que levam à ausência tanto da dor no corpo quanto da perturbação da alma que, do ponto de vista formal, consiste em uma condição de felicidade completa e invulnerável, autossuficiente e, em última análise, dependente exclusivamente de nossa própria ação (*par'hemás*).

A proposta da ética epicurista é a de que o indivíduo possa optar por um modo de vida tranquilo, sereno, em equilíbrio, distante dos sentimentos que possibilitem atribulações e aflições, visto que, para Epicuro, todo ser humano tem como fim (*télos*) primordial uma vida feliz (*makários zén*). Entretanto, esse propósito implica um exercício (*áskeisís*) constante para a realização de um viver autossuficiente: rejeitar as riquezas excessivas, ou seja, o indivíduo precisa optar pelos desejos naturais e necessários, por estes possibilitarem a felicidade. Além disso, compreende que bastamos a nós mesmos e, nesse bastar-se a si mesmo, estão as maiores riquezas. Desse modo, o modelo de vida epicurista é promulgado a todos aqueles que desejam viver distante das relações sociais atribuladas e ancoradas nas propostas de governos e de forças políticas, geradoras do poder e do temor. Isso posto, Epicuro sugere ao indivíduo a prática do exercício da *antárkeia*, para que seu agir ético lhe proporcione equilíbrio do seu corpo (*aponía*) e de sua alma (*ataraxía*), por conseguinte, a realização de um prazer constitutivo (*hedonai katastematikai*), já que a presente afecção implica uma consciência de si mesmo.

De acordo com a perspectiva epicurista, o indivíduo autárquico é aquele que aprende e age em conformidade com a natureza (*phýsis*), posto que esta possibilita que o indivíduo tenha uma compreensão da realidade em que vive e de sua natureza humana e, por conseguinte, aprenda a distanciar-se de sentimentos que podem provocar atribulações. A esse respeito, Epicuro sugere que o indivíduo estabeleça uma interrelação com a natureza (*phýsis*), para que o seu modo de agir perpassasse uma compreensão dos limites referentes aos desejos que podem ser permitidos ou evitados. Em razão disso, o indivíduo poderá desviar-se de contrariedades que podem lhe propiciar desequilíbrio no seu modo de agir. Assim, de acordo com Epicuro, todo indivíduo que desejar obter uma vida feliz necessitará do cultivo e do alcance da *antárkeia*, uma vez que ela não é algo dado ou que ele receba gratuitamente, fazendo-se necessário conquistá-la. Não obstante, ele sugere um processo estabelecido ou prática para o cultivo e alcance da *antárkeia*.

Nesse sentido, Epicuro considerava que o indivíduo que tinha o controle sobre si mesmo seria capaz de evitar desejos considerados perniciosos tanto ao seu corpo quanto à sua alma, na medida em que essa busca de viver em equilíbrio requer do indivíduo o que a expressão conceitual epicurista

**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**  
BEZERRA, José Eudo

denominava de boa disposição (*eustathéia*). Não obstante, o indivíduo vivencia e experiencia relações tanto com fenômenos da realidade quanto com seres humanos, os quais constantemente produzem afetos e desafetos. Para Epicuro, esses estados de tensão demandam do indivíduo um agir moderado para que não ocorram excessos ou carências, visto que esses estados podem ocasionar patologias no corpo e na alma (*psiquê*). Sendo assim, viver em equilíbrio, na perspectiva de Epicuro, caracteriza um modo de ser autárquico na realidade na qual o indivíduo age por si mesmo e, por conseguinte, esse estado de ser possibilita a efetivação e a realização de um fim (*télos*) natural a todos os seres humanos: a felicidade (*makários zén*). Para tanto, Epicuro apresentou aos seus contemporâneos um modelo de sociabilidade comunal com o qual os indivíduos poderiam efetivar a realização de seu fim (*télos*): a felicidade humana. Esse modelo de sociabilidade foi disseminado pelos seus discípulos inicialmente na Grécia, expandindo-se, em momento posterior, por outras regiões e continentes, constituindo, assim, uma rede de comunidades de amigos (*philoí*) na qual germinam confiança, cumplicidade, relações mútuas, amizade, liberdade e autossuficiência.

#### 4 A REDE DE COMUNIDADES EPICURISTAS

O contexto histórico a partir do século II a.C. na Grécia foi marcado pelas conquistas de Filipe II e, posteriormente, de seu filho, Alexandre, o Grande, que os historiadores costumam denominar de período helenístico. Diante desse contexto, as escolas filosóficas gregas dedicaram-se exclusivamente às questões éticas e políticas. Dentre essas escolas filosóficas, destacava-se o epicurismo, que tinha como seu epicentro o Jardim (*Képos*) em Atenas. Todavia, a expansão das comunidades epicuristas se estendeu para as regiões da Beócia, do Adriático, até Roma e demais cidades da península: ao norte, Siro, Nápoles, Herculano e Sorrento; ao leste, Pérgamo, Cós, Rodes e Enoanda; ao sul do Mar Negro, Amastris na Bitínia; e ao sul, até o Egito (Clay, 2011). Não obstante, a expansão das comunidades epicuristas não foi tranquila, uma vez que era atribuído ao epicurismo um espírito ateísta, porém, conforme Cícero, havia um restrito número de filósofos que eram considerados ateístas. No entanto, as ideias epicuristas foram bem assimiladas pela elite romana, em razão de sua aproximação com o modelo discursivo, presente na retórica e na oratória, e da valorização desse estilo literário nos espaços político-culturais. À vista disso, o Jardim de Epicuro continua sendo o centro intelectual e da comunidade dos *philoí*, independentemente da expansão das comunidades epicuristas fora de Atenas. Em Roma, o epicurismo chega por volta do século II a.C., conforme alguns testemunhos, dentre eles o de Cícero, que reconhece a popularidade dos epicuristas.

O projeto filosófico epicurista é decorrente de um contexto histórico no qual Epicuro e seus contemporâneos vivenciavam constantes períodos de guerras suscitando medo, insegurança, temor. Além disso, eram induzidos a acreditar nos governantes e em suas promessas vazias e supersticiosas. Diante desse contexto, Epicuro propõe um projeto de sociabilidade restrita baseado nas relações amigáveis, cuja finalidade é de viver uma vida moderada e feliz. Assim, o Jardim (*Képos*) era o lugar da convivência mútua, baseado na afinidade e na amizade, ou seja, o lugar da prática filosófica através da qual o indivíduo pode desenvolver a compreensão acerca dos prazeres que possibilitam o equilíbrio

**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**  
BEZERRA, José Eudo

do corpo (*aponía*) e da alma (*ataraxía*). Ademais, Diógenes Laércio, na sua obra *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, relata um dos momentos mais significativos de Epicuro para com seus amigos do Jardim. No Livro X, precisamente nos parágrafos 16-21, ele ratifica no testamento<sup>8</sup> seus desejos e cuidados tanto para a conservação da comunidade quanto para a divulgação de seu pensamento filosófico às posteriores gerações da comunidade epicurista. Por essa razão, Epicuro estabelece como uma das formas de perpetuar seu pensamento a utilização do gênero epistolar, uma vez que os conteúdos das *Cartas*, das *Máximas* e das *Sentenças* recordadas e comunicadas almejaram propiciar aos membros das comunidades epicuristas esclarecimentos acerca da natureza das coisas existentes (*phýsis*), como também do modo de ser no mundo.

Na *Carta a Pítocles*, Epicuro atesta a relevância das *Cartas*, *Máximas* e *Sentenças* no processo de estabilidade e consolidação nas inter-relações entre os membros da comunidade epicurista, posto que esse método epistolar propicia aos grupos de amigos uma compreensão da amizade como o fundamento de uma vida segura, tranquila e feliz. Sendo assim, por intermédio das *Cartas*, Epicuro conseguiu manter tanto um contato assíduo quanto um diálogo permanente entre os discípulos, o mestre e, conseqüentemente, entre as comunidades, visto que o estilo epistolar propiciava conteúdo personalizado e adequado em conformidade com o destinatário e com as suas respectivas questões individuais. Além disso, as *Cartas* tinham também um propósito de assegurar bem-estar aos membros da comunidade epicurista, conforme suas necessidades e com base na prática filosófica. Nesse sentido, a filosofia epicurista tem sua efetividade e expansão garantidas pelos séculos seguintes em razão da maneira de viver em comum dos discípulos e dos seguidores de Epicuro, conforme observou Sêneca na *Carta a Lucílio* VI,6, na qual ele afirma que “não foi a escola, mas sim a convivência de Epicuro que fez de Metrodoro, de Hermarco, de Polieno, grandes homens”. Ademais, em *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, Livro X, Diógenes Laércio menciona a continuidade das comunidades epicuristas, “enquanto quase todas as outras desapareciam, permanece para sempre com seu contingente inumerável de discípulos transmitindo uns aos outros o posto de escolarca” (DL, op. cit., X, 9, 2008, p. 285).

Assim, Epicuro elabora compreensões sobre a conduta humana e o comportamento ético do indivíduo na realidade em que ele vive. Sabemos que o contexto cultural-político-filosófico influenciou Epicuro a elaborar um modo de viver dos homens, de suas ações e de seus hábitos afastado das agitações proporcionadas pelas cidades gregas. Nesse sentido, sugerimos que Epicuro elaborou em sua doutrina uma relação necessária de entrelaçamento, de interação entre a natureza (*phýsis*) e o indivíduo, com o propósito de que este alcançasse a sua finalidade (*télos*): a vida feliz (*makários zén*). Nessa perspectiva, o Corpus epicúreo explicita um agregado humano, isto é, um composto indissociável corpo/alma, capaz de pensar, de fazer escolhas, de fazer recusas, de querer ser feliz, por outro lado, com os seus limites, com seus dilemas, com suas necessidades, visto que a essência do agregado humano não é completamente fixada por uma natureza genérica, o que implica considerar que, para Epicuro, as necessidades e condições individuais do indivíduo resultam de sua disposição interna e de sua relação com a natureza (*phýsis*). Desse modo, quando o homem age conforme a natureza (*tá katá phýsin*), torna-se um indivíduo com uma vida integral, consciente de si mesmo no mundo, como um composto atômico social capaz de constituir grupos humanos, isto é, comunidades moleculares, nas

---

<sup>8</sup> De acordo com o relato de Diógenes Laércio, o presente testamento de Epicuro foi transcrito e depositado nos arquivos do Metrôon (local no qual abrigava arquivos oficiais da cidade).

**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**  
BEZERRA, José Eudo

quais, de acordo com Epicuro, as relações humanas efetivam a amizade, a liberdade, a autarcia, considerados conceitos basilares da ética epicurista.

## REFERÊNCIAS

BAILLY. A. **dictionnaire Grec – Français**. Paris: Librairie Hachette, 1950.

BAILEY, C. **The Greek Atomists and Epicurus**. New York: Russell & Russell, 1928.

BOLLACK, J. **La Pensée du Plaisir**. Paris : Ed. Minuit, 1975.

BOLLACK, J.; BOLLACK, M.; WISMANN, H. **La Lettre d’Epicure**. Paris: Les éditions de Minuit, 1971.

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque – histoire des mots**. Paris: Klincksieck, 1999.

CONCHE, Marcel. **Epicure: Lettres et Maximes**. Paris: Editions de Mégare, 1977.

DISKIN, Clay. O epicurismo: Escola e tradição. In: GIGANDET, A.; MOREL, P.-M (Orgs.). **Ler Epicuro e os Epicuristas**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Loyola, 2011.

DUVERNOY, J.-F. **O epicurismo e sua tradição antiga**. Tradução de Lucy Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

EPICURO. **Antologia de textos**. In: Epicuro, Lucrecio, Sêneca e Marco Aurélio. São Paulo: Abril, 1980, p. 3-20. (Os Pensadores).

EPICURO. **Carta sobre a felicidade [A Meneceu]**. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. 3ª ed. São Paulo: Unesp, 2002.

EPICURO. **Lettres et maximes**. Texte grec, traduction, introduction et notes par Marcel Conche. – 5a. ed. – Paris: PUF, 1999.

EPICURO. **Lettres et maximes**. Trad. Octave Hamelin et Jean Salem. Paris: Librio-Flamarion, 2012.

EPICURO. **Máximas Principais**. Texto, tradução e comentários João Quartim de Moraes. 1. ed. São Paulo: Loyola 2010.

**A *Koinonía*: uma compreensão epicúrea das relações humanas de acordo com o viver em comum**  
BEZERRA, José Eudo

- FARRINGTON, B. **A doutrina de Epicuro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- FESTUGIÈRE, A.-J. **Epicure et ses dieux**. Paris: P.U.F.,1958.
- GIGANDET, A.; MOREL, P.-M. (org.). **Ler Epicuro e os epicuristas**. São Paulo: Loyola, 2011.
- GUAL, Carlos Garcia. **Epicuro**. Madrid: Alianza Editorial. sd.1985.
- GUAL, Carlos Garcia. **Epicuro**. *Classicos de Grecia y Roma*. Madrid: Alianza Editorial. 2002.
- LAÉRCIOS, D. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres**. Tradução de Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- LUCRÉCIO. Da Natureza. *In: Epicuro, Lucrécio, Sêneca e Marco Aurélio*. São Paulo: Abril, 1980, p. 21-135. Título original: *De Rerum Natura*. (Os Pensadores)
- MORAES, J.Q. Epicuro, Máximas Principais: Introdução, tradução e notas. *In: Clássicos da Filosofia*: Cadernos de Tradução nº 13. Campinas: IFHC/Unicamp, 2006.
- O'KEEF. T. **Epicurus on Freedom**. New York: Cambridge University press, 2005.
- SILVA, Markus Figueira da. **Epicuro: sabedoria e jardim**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, UFRN, 2003.
- SILVA, Markus Figueira da. **As sentenças de Epicuro**; tradução e comentários de Markus Figueira da Silva e Henrique Murachco, 1ª ed. – Rio de Janeiro: NAU editora, 2021.
- SILVA, Markus Figueira da. *LatheBíosas: autákeia, libertà e amicizia in Epicuro*. *In: CORNELLI, G.; CASERTANO, G. (Org.). Pensare La città antica: categorie e rappresentazioni*. 1ª ed. Nápoles: Loffredo Editore, 2010, v. 1, p. 163-174.
- SILVA, Markus Figueira da. **Termos Filosóficos de Epicuro**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.
- SILVA, Markus Figueira da. *Acerca de uma Ética do Agradável*. *In: SILVA, M.F.(Org.). Café Filosófico*. 1. ed. Natal: EDUFRN, 2005, v. 3, p. 47-64.
- SPINELLI, Emidio. Epistola. *In: P. D'Angelo (a cura di). Forme letterarie della filosofia*, 2012, p. 147-174, ROMA: Carocci, ISBN: 9788843066483.
- USENER, Hermann Karl. **Epicurea**. New York: Cambridge University Press, 1887.